
Assexualidade na Telenovela *Travessia* da TV Globo: Uma Representação da Orientação Sexual em Estudo¹

José Antonio de Oliveira²
Universidade Paulista-UNIP

Resumo

O artigo objetiva abordar o tema da assexualidade apresentado na telenovela *Travessia*, da TV Globo. A orientação sexual tem ganhado notoriedade no meio social nas duas últimas décadas. Simultaneamente à sua evidência social, entre outubro de 2022 e maio de 2023 a telenovela *Travessia*, apresentou os personagens Caíque (Thiago Frago) e Rudá (Guilherme Cabral) que representam pessoas assexuais de gênero masculino. A sigla LGBTQIAP+ é composta das diversas orientações sexuais presentes na sociedade e cada uma delas tem suas particularidades identitárias, dentro do binômio visibilidade-invisibilidade. Uma representação audiovisual da assexualidade pode contribuir com a visibilidade ampliada, a autoidentificação, a aceitação e a adesão de sujeitos, além do respeito da família, dos amigos e da sociedade.

Palavras-chave: assexualidade; representação; audiovisual; telenovela.

1 Introdução

A tecitura das relações sociais é também composta de experiências culturais. Elas constroem modelos a serem seguidos pela moral, pelos costumes e pela religião. Ainda que a sociedade não seja estática temporal e espacialmente, as mudanças reivindicadas a partir de demandas que surgem, enfrentam desafios diversos para se estabelecerem, serem aceitas e respeitadas como direitos individuais e coletivos no campo das múltiplas relações sociais que se dão cotidianamente. Giddens (2001), ao falar de gênero e sexualidade aponta que: “Nas sociedades tradicionais, a sexualidade estava ligada estreitamente ao processo de reprodução, estando actualmente uma ideia separada da outra” (GIDDENS, 2001. p. 126). O autor entende que gênero e sexualidade são culturalmente pensados e desenvolvidos nas sociedades em temporalidades e espaços variados.

Um dos padrões (tabus) socialmente construídos é a binaridade de gênero (homem-mulher), a partir da identificação de órgãos genitais biológicos, quando o assunto trata sobre gênero e sexualidade. A heteronormatividade binária (homem-mulher, como

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Paulista-UNIP, e-mail: lagoaoli39@gmail.com

regra normativa) e a heterossexualidade (desejo sexual pelo gênero oposto), ainda prevalecem hegemonicamente e as demais identidades de gênero e orientações sexuais são tratados como minorias. Assim, Neiva (2019) ao citar outros autores traz o seguinte entendimento:

Por conseguinte, no sistema classificatório e taxonômico, termos como anormal, anomalia, desvio, perversão, patologia foram criados para dar conta de toda e qualquer sexualidade ou comportamento sexual que escapava do caminho reconhecido epistemologicamente como natural e instintual da reprodução humana (LAQUEUR, 2001; DUARTE, 2004; apud NEIVA, 2019. p. 23).

Em contraponto ao sexo biológico e a função reprodutiva da espécie, entende-se que os seres humanos são formados não apenas de corpos (anatomicamente) nos seus universos existenciais. São também formados de psiquê, de sensações, de vontades, de desejos e de relações sociais nas quais permeiam suas demandas individuais e coletivas. Assim, os sujeitos não binários (fora do padrão homem-mulher) sentem-se à margem da sociedade e passam por conflitos existenciais por entenderem que estão fora do “modelo” socialmente aceito, ou do que Foucault (2005) chama de *tríplice decreto* (interdição, inexistência e mutismo) imposto àqueles que não se encaixassem nas normas estabelecidas pelo status quo

A identidade de gênero (homem cis e mulher cis), que se identifica com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, passa a ser questionada na sociedade quando surgem demandas diferentes do modelo social e cultural estabelecido. Aparecem os transgêneros, pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem (mulher trans e homem trans) ou pessoas trans que possuem identidade de gênero diferente da identidade biológica.

O sexo biológico atribuído ao nascimento, enquanto órgão genital, a identidade de gênero, a orientação sexual e as diversas possibilidades de práticas sexuais, fazem parte do campo de pesquisa sobre sexo, gênero, sexualidade e orientação sexual, no qual está inserido a assexualidade, orientação sexual que ganha visibilidade no início do século XXI, objeto do trabalho em tela. Aqui foi necessário fazer uma breve explanação no contexto de identidade de gênero e orientação sexual para clarear os atravessamentos existentes entre os conceitos, ao entender que para determinados grupos está tudo certo com a identidade de gênero conforme as convenções sociais, mas enfrentam conflitos relacionados a orientação sexual. Todavia, para pessoas que não se encaixam no binômio heteronormativo e heterossexual, culturalmente formados, passam a ser questionadas

sobre a identidade de gênero e orientação sexual. No capítulo que trata de Gênero e Sexualidade, Giddens (2001) cita Lorber (1994), que na época identificou ao menos dez identidades sexuais:

Judith Lorber (1994) distingue até dez identidades sexuais diferentes: a mulher hetero (heterossexual) o homem hetero, a mulher lésbica, o homem homossexual, a mulher bissexual, o homem bissexual, a mulher travesti (uma mulher que se veste regularmente como homem), o homem travesti (um homem que se veste regularmente de mulher), a mulher transexual (um homem que se transforma numa mulher) e o homem transexual (uma mulher que se transforma num homem) (LORBER, 1994 apud GIDDENS, 2001. p. 127).

Passados quase 30 anos da citação acima, ainda lidamos com rótulos sociais pejorativos, advindos da ignorância, da homofobia e transfobia contra a identidade de gênero e orientação sexual. Práticas instaladas na sociedade de forma explícita e velada, praticadas por indivíduos, grupos, estruturas e instituições sociais. Tais atitudes geram falas e comportamentos homofóbicos e transfóbicos, frequentemente implicando em atitudes de violência física, moral, psicológica e constrangimentos. As violências praticadas gratuitamente, como reação de repulsa e rejeição, provocam medos, traumas, insegurança, invisibilidades e mortes físicas a membros da comunidade. As práticas agressivas e o desconhecimento sobre a composição, reivindicações e direitos dos grupos LGBTQIAP

+ têm contribuído para gerar confusão no meio social e, às vezes, para lhes atribuir reducionismos patológicos, tratando a todos portadores de comportamento desviante, incluindo os nomes depreciativos, como por exemplo, ‘viados’, ‘bichas’, ‘sapatão’, ‘marica’, ‘mulherzinha’, ‘boiola’ etc.

A abordagem sobre assexualidade feita neste artigo se pauta em trazer para o meio acadêmico a representatividade social nas mídias, principalmente na telenovela, acerca desse tema enquanto orientação sexual. A TV Globo, na telenovela *Travessia*, apresenta a assexualidade para o grande público, no horário nobre, e de modo pedagógico parece ampliar o debate sobre o tema e contribuir com a democratização social, provocando discussão no entendimento, aceitação, respeito e visibilidade para aqueles e aquelas que se localizam debaixo do “guarda-chuva” da assexualidade. O audiovisual faz ecoar as vozes das pessoas assexuais para além das falas dos grupos de pares que se identificam nas redes sociais e dos estudos, concluídos ou em curso, que abordam o tema.

A representação da assexualidade na teledramaturgia da TV Globo chamou a atenção dos jornais, que passaram a noticiar a repercussão. O portal UOL de notícias online, na sua página denominada *Na Telinha* que escreve sobre novelas, convida um especialista para falar dos espectros da assexualidade assim que a trama vai ao ar, trazendo a seguinte manchete: “Travessia: Entenda a assexualidade e o drama de Rudá- Especialista explica a orientação do personagem de Guilherme Cabral”³(UOL, 2022). O portal de notícias online Metr pole, na sua coluna *Pouca Vergonha*, em 29 de janeiro de 2023, escreve sobre o assunto com a seguinte chamada: “Novela Travessia gera debate sobre diferentes tipos de assexualidade. Após Caíque e Rudá conversarem em Travessia sobre as diferenças de suas assexualidades, saiba como funciona cada uma das orienta es”⁴. O jornal Estado de Minas⁵, apresenta a notícia sobre a abordagem da orienta o sexual assexualidade na telenovela *Travessia* com a seguinte manchete: “Orienta o Sexual-Entenda o que   assexualidade, vivida por personagens na novela Travessia”, Estado de Minas (2022). As reportagens atestam a relevância do assunto e a necessidade de debate e esclarecimentos sobre o tema – relevância, essa, que se estende para o campo acadêmico.

2 Referencial Teórico para Falar de Assexualidade na Telenovela *Travessia*

A escassez de produ o e apresenta o de conteúdo audiovisual nas grandes m dias, com amplo acesso ao público, assim como no meio acadêmico, fez o tema assexualidade ser pouco visibilizado no Brasil até os primeiros anos do século vigente. Ao longo do século XX, os meios de comunica o tradicionais do audiovisual, como o r dio, a TV e o cinema não abordaram o tema assexualidade, ao menos de forma enfática ou explícita. O apagamento do assunto está diretamente relacionado   vagarosa expedi o, na própria sociedade, sobre os temas que envolvem os diversos tipos de sexualidade. Conforme explica White (1998), (...) “os meios de comunica o não são

³ Portal de notícias UIOL, se o *Na telinha*. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2022/10/30/travessia-entenda-a-assexualidade-e-o-drama-de-ruda-189251.php> Acesso em: 23 de abril de 2023.

⁴ Jornal *Metr pole* online. Coluna *Pouca vergonha*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/novela-travessia-gera-debate-sobre-diferentes-tipos-de-assexualidade> Acesso em: 23 de abril de 2023.

⁵ Jornal *Estado de Minas*. Coluna *Diversidade*. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/15/noticia-diversidade,1433831/entenda-o-que-e-assexualidade-vivida-por-personagens-na-novela-travessia.shtml> Acesso em: 23 de abril de 2023.

meros meios de transporte de informação, mas revelam significados culturais criados num determinado período histórico” (WHITE, 1998. p. 76).

Durante o século XX, a medicina, a psicologia, a biologia e as ciências sociais tratavam e apresentavam em suas produções acadêmicas os comportamentos que fugissem da “normatividade” de gênero no binômio homem-mulher e seus desinteresses pela prática sexual ou interesse por uma prática sexual que não correspondia a heteronormatividade, como anormais ou proibidos. Por isso, pessoas que se encontravam debaixo desse guarda-chuva, que Foucault (2005) chamou de “sexualidades ilegítimas” ou “periféricas”, estigmatizadas como patologias, parafilias, ou comportamentos desviantes. Porém, na virada do século XX para o XXI, Giddens (2001) já enxergava uma mudança na sociedade tradicional e diz que: “A sexualidade tornou-se uma dimensão da vida que cada indivíduo pode explorar e desenvolver” (GIDDENS, 2001. p. 126).

A assexualidade tem ganhado visibilidade social contemporânea desde o início do século XXI, a partir de demandas de pessoas que se identificavam nessa orientação sexual e passaram a utilizar a internet como meio de comunicação para a socialização e visibilidade, formando comunidades virtuais em sites, blogs, fóruns e redes sociais de amplo alcance, como Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp e outros. Pesquisadores brasileiros como Oliveira (2014), Neiva (2019) e Bezerra (2015) se interessaram pela representatividade assexual e se depararam com pouca produção acadêmica nacional. “Há ainda uma quantidade relativamente pequena, porém crescente, de material sobre assexualidade. Além de entrevistas e materiais na imprensa, existem sítios e comunidades virtuais brasileiras e estrangeiras muito bem organizadas e articuladas com a mídia e com a ciência” (BEZERRA, 2015. p. 9).

Ainda no contexto internacional, porém, no início do século XXI, o estudante universitário de San Francisco, nos Estados Unidos, David Jay, funda em 2001 a comunidade virtual “The Asexual Visibility and Education Network (AVEN) com dois objetivos distintos: criar aceitação pública e discussão sobre assexualidade e facilitar o crescimento de uma comunidade assexual”.⁶ Conforme os objetivos descritos no sítio da comunidade AVEN, de origem americana, a sua finalidade é incentivar a aceitação pública, promover a discussão sobre a assexualidade e ampliar a comunidade assexual. Os pesquisadores brasileiros referenciam em suas pesquisas e falam do início e

⁶ <https://www.asexuality.org/?q=about.html> (Tradução nossa).

importância da comunidade virtual para a assexualidade. Oliveira (2013) aponta que “A AVEN foi criada numa época em que não havia praticamente nenhuma informação sobre assexualidade à disposição das pessoas assexuais” (OLIVEIRA, 2013, p. 1).

De fato, a rede de visibilidade e educação assexual parece estar cumprindo seus objetivos traçados. A AVEN ganhou expansão e está presente em muitos países do mundo em diversos idiomas. Passadas duas décadas de sua instituição, a comunidade conta com cerca de 140 mil seguidores pelo mundo, conforme diz o portal da própria rede. A partir do crescimento de identificação de pessoas assexuais, da aceitação pública e da discussão sobre assexualidade, abre-se caminho para a constituição de outras comunidades virtuais, inclusive no Brasil, como o coletivo *Abrace*⁷ com uma página no Instagram, que conta com mais 6.500 seguidores e uma comunidade de Assexualidade no Facebook com mais de 7 (sete) mil curtidas atualmente, entre outras.

Com o crescimento das comunidades virtuais nas redes sociais, formadas por pessoas autoidentificadas como assexuais aqui no Brasil, houve um movimento de pesquisadores interessados em se debruçar para estudar e produzir pesquisas sobre o tema em debate. Isso se dá entre a virada da primeira para a segunda década deste século. Onde começam a aparecer artigos científicos publicados em periódicos sobre assexualidade como orientação sexual, recentemente cunhada com esse nome. Entre 2010 e 2020, surgiram, além de outros artigos, algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado, nas áreas de psicologia, antropologia, educação e comunicação.

Portanto, o referencial teórico abordado neste artigo incluirá conceitos sobre imaginário, representatividade e ficção a partir de Lopes (2014 e 2019), gênero e sexualidade baseado em Giddens (2001) e Foucault (2005), a teoria sobre assexualidade em Oliveira (2014), Bezerra (2015) e Neiva (2019), materiais escritos em comunidades virtuais de pessoas assexuais, além de material produzido no audiovisual, por meio de documentário sobre o tema, entrevistas em portal de notícias, como o Na Telinha do portal UOL, o jornal o Estado de Minas, o portal Metrôpoles e o Gshow da rede Globo.

3 Pesquisas sobre Sexualidade e Assexualidade no Século XX

O incipiente meio acadêmico sobre o tema, formado de pesquisadores internacionais, principalmente na área da medicina, psicologia, biologia e ciências sociais

⁷ Grupo virtual denominado de coletivo de pessoas assexuais. Disponível em: <https://linktr.ee/coletivoabrace> Acesso em: 24 de abril de 2023.

pesquisou sobre sexualidade desde a primeira metade do século XX, sem chegar a um entendimento e a uma definição do termo para abarcar as pessoas que não tinham, na sua maioria, atração ou vontade de praticar sexo com outra pessoa. De acordo com Oliveira (2013), estudos sobre a assexualidade remontam aos anos de 1940 e 1950, quando Alfred Kinsey desenvolve seus polêmicos estudos sobre as práticas sexuais da população dos Estados Unidos. O pesquisador teria apurado que aproximadamente 1% dos/as entrevistados/as não demonstrava interesse por atividades sexuais. Kinsey, portanto, olhou somente para os 99% que tinham apetite sexual, deixando a pequena porcentagem de 1% esquecida e sem definição de orientação sexual para o grupo.

Segundo Oliveira (2013), na segunda metade do século XX, a pesquisadora internacional Johnson (1977), a partir de cartas de mulheres enviadas para editoriais de revistas femininas, publica em seu livro sobre sexualidade um capítulo para falar de mulheres que não tinham desejo sexual ou não se masturbavam. Oliveira (2013) afirma que Johnson (1977) vai chamar esses dois grupos de mulheres de “invisíveis” e os denomina de assexuais e autoeróticas, tornando-se a publicação mais antiga a denominar parcialmente de assexuais as pessoas que não praticavam sexo. Ainda, segundo Oliveira (2013), durante os anos 1980 e 1990, outros pesquisadores internacionais apresentaram trabalhos que apontavam baixo desejo sexual de alguns jovens universitários e a proposta de criação de uma escala multidimensional sobre sexualidade e incluindo a assexualidade como possibilidade de orientação sexual.

O modelo de família tradicional e patriarcal, enquanto constructo social, engendrado com a influência da moral conservadora, os dogmas da igreja e os ditames do Estado, vai ganhar novos contornos e arranjos familiares na virada do século XX para o XXI. Os avanços nas pesquisas em medicina e diagnósticos de transtornos patológicos, têm passado por mudanças significativas na contemporaneidade para entender que as sexualidades humanas não são patologias ou transtornos. Porém, tempos sombrios foram vivenciados, conforme Neiva (2019):

Se outrora o ato sexual fora das normas conjugais-matrimoniais-heterossexuais-coitais, que regulam o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora, era associado ao pecado e ao mal pela Igreja e associado a um crime e contravenção pelo Estado, a partir desses saberes médicos começou a ser associado à doença e à patologia (NEIVA, 2019. p. 24).

Assim, com o avanço das políticas sociais sobre planejamento familiar, saúde da mulher, empoderamento feminino, acesso à informação, crescimento dos movimentos de

gênero e orientação sexual, legislação em pró dos direitos humanos e a contribuição do meio acadêmico, é possível vislumbrar o surgimento de mudanças nas configurações de família, sexualidades, gêneros e orientações sexuais, conforme veremos adiante.

Conforme Caldeira (2020), em 2012, ocorreu a primeira Conferência Assexual Internacional durante a *World Pride*, 2012, em Londres. Foi possível mostrar que cada vez mais as pessoas assexuais estão ganhando força, enquanto comunidade dentro e fora da internet. Conseguindo apresentar ao mundo suas vivências e demandas. Ainda segundo Caldeira (2020), mesmo que a homossexualidade tenha sido removida em 1973 do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM⁸. Somente 40 anos mais tarde, em 2013, a assexualidade deixa de ser considerada como “Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo”, a partir de uma mudança na atualização do referido Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Assim, pessoas que se autoidentificam como assexuais não são mais patologizadas.

Há pouco mais de 20 anos, com a criação de redes e comunidades virtuais (internacionais e nacionais), amplia-se no meio acadêmico o interesse para discutir, estudar, produzir e publicar materiais sobre a orientação sexual assexualidade. Nas palavras de Oliveira (2013): “Considerada historicamente um distúrbio na literatura médica e um problema no senso comum, a falta de desejo sexual – ou pelo menos parte dela -, ganha novo significado a partir do início do século XXI” (OLIVEIRA, 2013, p. 1).

4 A Telenovela *Travessia* e a Visibilidade sobre Assexualidade

A telenovela é um formato ficcional seriado que nasce com a história da TV brasileira. As pessoas por anos se reuniram em frente à TV - e talvez ainda o façam, mas há que se reconhecer o processo de individualização da assistência televisiva com o avanço das tecnologias digitais e do *streaming* - para acompanhar a trama que foi pensada, projetada, produzida e exibida ao público que se apresenta interessado em saber o que vai acontecer em cada cena e em cada capítulo. Morin (1997) ao falar de cultura de massa, termo que ele chama de cultura industrial, assevera que essa cultura mediada pelo aparato tecnológico possui duplo sentido para o público, em que o imaginário imita o real e o real se alimenta do imaginário, numa espécie do movimento cambiante. O canal de TV mobiliza uma equipe de profissionais especialistas em diferentes áreas, além de atores e

⁸ DSM sigla em Inglês para o manual diagnóstico e estatístico de transtorno mental da sociedade de psiquiatria Americana.

atrizes, para compor o time de produção de uma obra que pode ser gravada em lugares diferentes, reais ou ficcionais. A pesquisadora e professora da USP, Lopes (2014, 2019) fala da construção de mundos na ficção televisiva brasileira, apresenta a importância que os produtos televisivos, em especial as telenovelas, têm para a construção e atualização da identidade e cultura nacional.

Os temas abordados nas telenovelas representam desde vivências cotidianas de grupos familiares e seus conflitos, como relações amorosas, sociais, amizades, intrigas, profissionais e financeiras. Tais abordagens parecem ser estratégicas para cativar o público e porque em determinadas situações este se sente representado por vivenciar um contexto semelhante ao encenado pela telenovela. Assim, a teledramaturgia se aproxima da realidade das pessoas que se sentem representadas por meio dos papéis que os personagens desenvolvem.

As representações sociais realizadas pelas telenovelas da TV Globo desempenham um papel de socializar e sociabilizar, ou seja, possui função educativa ao disseminar práticas sociais para o seu público. A cultura audiovisual da telenovela constrói pontos de apoio imaginário para a vida prática, alimentando esse lado real e imaginário que existe no interior de cada pessoa, conforme aponta Morin (1997), contribuindo assim com a formação da sociedade a partir da mistura de ficção e realidade. Lopes (2019) fala da importância que a telenovela tem na construção do imaginário social e na formação da identidade nacional, por meio da sua entrada nos lares brasileiros: “No Brasil, historicamente marcadas por um imaginário da nação brasileira (Lopes, 2003), as telenovelas, por exemplo, são verdadeiras fábricas de mundos imaginados, que se definem por um extenso horizonte de possibilidades” (LOPES, 2019, p. 11).

Alguns tabus perpassam décadas, gerações e permanecessem impregnados nas mentes dos sujeitos, nos grupos e nas instituições sociais. Aqui neste trabalho, o intuito é abordar a assexualidade enquanto orientação sexual, a contribuição social que a TV Globo desenvolve, contribuindo com a visibilidade da diversidade nas telenovelas. A emissora introduziu na ficção audiovisual diversos personagens gays, trans e lésbicas, desenvolvendo papéis que vão desde a prática do beijo gay ao mordomo solitário, do casal de homens ou mulheres apaixonados até o gay vilão como no caso de “Félix” vivido por Mateus Solano em *Amor à Vida* (2013).

A assexualidade entrou na sigla LGBTQIAP+ recentemente, na segunda década do século XXI. Conforme a sigla dos diversos grupos de orientações sexuais vai

umentando, comprova-se que as sexualidades são várias e a luta por identificação, aceitação, respeito e visibilidade ganha força e representatividade. A assexualidade ganha notoriedade nas redes sociais a partir dos anos 2001, com o advento da internet e nesse meio tempo cresce o interesse por pesquisadores no meio acadêmico sobre o tema. Enquanto mais uma orientação sexual, como as pessoas se auto identificam assexuais, se organizam e se articulam por meio de comunidades virtuais desenvolvidas para fortalecer o grupo e os diferentes subgrupos ou espectros debaixo do amplo guarda-chuva.

Passadas mais de duas décadas de consolidação internacional e nacional da definição da assexualidade como orientação sexual, o meio de comunicação audiovisual, por meio da telenovela, também passa a dar voz e espaço para o tema. Dois personagens da telenovela das 21 horas, na rede Globo, representam a comunidade assexual. Caíque (Thiago Fragoso) vive em *Travessia* um jovem adulto que se apaixona por Leonor (Vanessa Giacomini). A personagem Leonor, também apaixonada pelo rapaz, descobre que ele é assexual após investidas durante o namoro. Caíque diz para sua namorada, Leonor, que não sente atração sexual e revela para ela que é assexual, logo, não sente desejo pela prática do sexo e sente-se realizado com o namoro pautado no afeto e no romantismo, como toque, conversas, olhares e companheirismo.

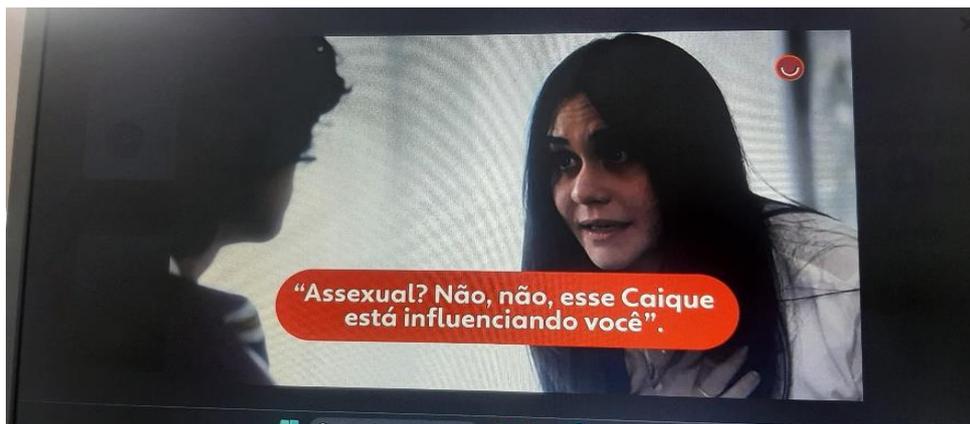
Caíque, o personagem homem assexual, durante uma conversa com a sua namorada, a personagem Leonor, a qual deseja ter relação sexual entre os dois, ouve dele que, “se existe sexo sem amor, existe amor sem sexo” para justificar o seu desinteresse pela prática do sexo. O ator vive o papel de um assexual heteroromântico. Este espectro da assexualidade desenvolve relacionamentos afetivos e amorosos, pautados no romantismo e sem atração e desejo sexual com o parceiro. Com o desenrolar da trama, nos últimos capítulos de *Travessia*, Caíque, troca de relacionamento ao encontrar uma pessoa que o compreenda e seja compatível com a sua orientação sexual e expectativas. A história do personagem traz exemplos de que é necessário, ao iniciar um relacionamento, o casal se autoconhecer, conhecer um ao outro e ser autêntico sobre as expectativas de ambos. Buscando evitar relacionamentos frustrados ou abusivos.

Já o ator Guilherme Cabral dá vida ao personagem Rudá, um adolescente que está se descobrindo sexualmente e afirmando sua orientação sexual. O personagem sofre pressão do seu padrasto, o personagem Moretti, vivido por Rodrigo Lombardi, que questiona a sexualidade do jovem, pelo fato dele não possuir namorada, fugindo do padrão heteronormativo, convencionalmente esperado na família e na sociedade. Moretti

age de modo irônico acerca do comportamento tímido e introvertido que Rudá desenvolve. Chega a colar cartazes sensuais de mulheres na parede do quarto do jovem.

Depois, Rudá vai conhecer Caíque, este, ao se aproximar e conversar com o jovem passa a identificá-lo como assexual, orientando-o e apoiando-o na sua aceitação e no seu envolvimento com outras pessoas iguais a ele, ou seja, assexuais. O personagem Rudá ainda não sabe a qual espectro da assexualidade ele pertence, pois ainda é adolescente, mas com o passar do tempo isso ficará resolvido para o rapaz. O seu amigo Caíque por ser adulto e mais experiente, sabe que Rudá se localiza no espectro assexual estrito, sendo aromântico e não desenvolve relacionamento com outra pessoa, independente da identidade de gênero ou da orientação sexual dessa outra pessoa. Sua mãe, a personagem Guida (Alessandra Negrini), ao saber que o filho conhece e começa uma amizade com Caíque, sendo orientado por este, não gosta da ideia e fala para o filho, Rudá, que ele não é gay e o novo amigo, Caíque, está o influenciando mal. A imagem abaixo exibe a cena entre os personagens mãe e filho, Guida e Rudá, trazendo o conteúdo da conversa que o jovem teve com o recente amigo, Caíque, sobre assexualidade. A reação de desaprovação da mãe de Rudá, vivido por Alessandra Negrini no papel de Guida, é imediato e tempestivo. Afinal, ela não entende sobre assexualidade e confunde com homossexualidade.

Figura 2: Rudá e sua mãe Guida em Travessia



Fonte: portal gshow

Pertinente se faz pensar que TV Globo tem uma abrangência nacional, logo, um alcance para um público enorme e de várias classes sociais, níveis intelectuais diferentes, de comportamento, modos de vida e hábitos diferentes. Portanto, a exibição do tema

assexualidade na telenovela *Travessia*, no chamado horário nobre, parece estar contribuindo com a visibilidade dos grupos de pessoas assexuais para além das comunidades virtuais que se limitam, na sua maioria, somente aos que se identificam como iguais. A teledramaturgia, mais uma vez, traz uma demanda da realidade social para a ficção, expandindo a compreensão, a aceitação, a visibilidade e o respeito da sociedade. Lopes (1995) reverbera com a discussão aqui apresentada ao dizer que “os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos [...]” (LOPES, 1995, p. 102). A autora vai afirmar que essa articulação está impregnada no micro espaço controlado pelo sujeito e no macro espaço que foge do seu controle.

Quando a audiência se depara com atores de *Travessia* interpretando pessoas assexuais provoca reações no público sobre a novidade trazida para a telenovela de Glória Peres. Surgem as interações nas principais redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram. Os comentários são de surpresa por desconhecerem o termo assexualidade enquanto orientação sexual. Existem falas positivas sobre a abordagem do tema em *Travessia*, ao dizerem que finalmente o assunto sobre assexualidade foi exibido na telenovela. As opiniões são várias e apontam, na sua maioria, para a torcida de fãs sobre a amizade entre os dois personagens, Caíque e Rudá. Os telespectadores torcem pelo início e continuação da amizade dos personagens como necessária para enfrentarem os dilemas da incompreensão sobre a assexualidade e a solidão enfrentada por falta de pares com as mesmas afinidades.

Uma telespectadora posta no Twitter o comentário positivo sobre a conversa entre os personagens Guida e Rudá: “ai que cena linda essa da Guida conversando com o Rudá, acho que as coisas estão caminhando pra uma boa abordagem da assexualidade dentro da novela, espero”. Outro assistente e comentador no Twitter da representação do tema assexualidade diz que: “Incrível como também precisam ‘sair do armário’, simplesmente por serem quem são: humanos, naturais. Sexo não é obrigatório nem essencial pra felicidade de ninguém. A liberdade, sim.” Inclusive, a repercussão da representatividade da assexualidade trazida pela telenovela *Travessia* atingiu gerações diferentes, conforme comentário de uma jovem no Twitter: “Hoje minha avó de 95 anos veio me perguntar o que que o personagem do @fragosothiago em #Travessia quis dizer ao falar sobre assexualidade. Me encantei com a forma como ela ficou interessada e ainda é muito impactada pela cultura das novelas e dos assuntos abordados”.

O sucesso da representação inédita de mais uma orientação sexual na teledramaturgia da TV Globo, ultrapassou as interações dos fãs de novelas nas redes sociais e repercutiu em outras mídias, como portais de notícias, Na Telinha do UOL, o portal de notícias online Metrôpole, o Estado de Minas online, o jornal Folha de Pernambuco online, entre outros. Além da veiculação de matérias em programas de TV, rádios e inclusive o Fantástico abordou o tema entrevistando pessoas assexuais. Os atores que protagonizam Caíque e Rudá concederam entrevistas para alguns canais midiáticos relatando como está sendo para eles representarem pessoas assexuais e a repercussão em *Travessia*.

5 Considerações

As inquietações que me levaram a pesquisar e produzir o trabalho em tela sobre assexualidade foram provocadas pela assistência à telenovela *Travessia* para entender outras representatividades trabalhadas pela trama, as quais me interessam por fazerem parte do objeto de pesquisa do meu doutoramento em Comunicação. Foi possível perceber durante este trabalho de pesquisa que a orientação sexual assexualidade somente no início do século XXI ganha essa definição, a partir de pessoas que se identificam assexuais e passaram a congregarem criando comunidades virtuais nas redes sociais, promovendo aceitação, discussão e visibilidade do movimento.

No meio acadêmico, foi verificado que durante o século XX pesquisadores de ferentes áreas do conhecimento, se debruçaram a estudar sobre sexo, gênero e sexualidade se deparando com pessoas que não sentiam atração e desejo pela prática sexual com outra pessoa. Inicialmente estatísticas não conclusivas foram apresentadas dizendo que esse percentual podia girar em torno de um por cento da população pesquisada que não tinham interesse por sexo, mas não havia uma definição de orientação sexual para tal grupo. Ainda na atualidade não existe uma estatística nacional e nem internacional que apresente uma porcentagem da população assexual. Fala-se em estimativas entre aproximadamente 2% de mulheres e 1% de homens que localizam nos vários espectros da assexualidade.

Em 2001, uma comunidade virtual americana para pessoas assexuais é criada e passa a chamar-se Rede de Visibilidade e Educação Assexual com a sigla AVEN em inglês. A rede torna-se um fenômeno local e mundial, incluindo sua replicação em vários idiomas. Os dados mais recentes dizem ela possui mais de 140 mil seguidores pelo

mundo. Neste cenário a AVEN representa a comunidade de assexuais nas redes sociais e influencia a criação de outras comunidades virtuais, sendo o caso do Brasil que contemporaneamente conta com diversos sítios, blogs, fóruns e páginas oficiais em redes sociais como o Twitter, Facebook e Instagram. Essas comunidades virtuais criadas e alimentadas na internet servem para as pessoas assexuais se encontrarem, socializarem e sociabilizarem sobre o tema, ampliando a discussão e apresentando demandas. Os grupos virtuais nas redes sociais acessam diversos materiais, como datas de eventos, encontros, glossário, livros, contatos, palestras, entrevistas etc.

O meio acadêmico, na virada do século XX, mergulha na amplitude e visibilidade das redes sociais grupos assexuais para pesquisar sobre assexualidade e os subgrupos que se formam nessa orientação sexual. Pesquisadores nacionais como Oliveira (2013; 2014), Bezerra (2015) e Neiva (2019) desenvolvem pesquisas de doutoramento sobre assexualidade a partir dos referenciais teóricos de autores internacionais do século XX (ainda sem uma definição para assexualidade) e a aproximação com novos estudos de autores nacionais e internacionais, articulando-se com o empirismo das comunidades virtuais, aprofundam o entendimento, visibilidade e representatividade do tema em questão. Nesse sentido Neiva (2019) em sua tese na área de Antropologia Social com a temática, asseverando que:

[...] se faz necessário respeitar as diversas posições do sujeito que pessoas assexuais ocupam, sem incorrer no engano de acionar essencialismos que atribuam à assexualidade uma qualidade constitutiva fundamental, básica e atemporal. Não há uniformidade e homogeneidade entre esses sujeitos que se sugira que há uma verdadeira essência real, fixa e invariável do que é 'ser assexual' (NEIVA, 2019. p. 29).

Ou seja, a assexualidade possui nuances de complexidades na identidade de gênero e orientação sexual que perpassam reducionismos e uniformidades. Gêneros, sexualidades e orientações sexuais são possibilidades de identificação e vivências sociais construídas culturalmente, fluidas, e que são diferentes do sexo biológico atribuído ao nascer e à prática sexual como objetivação do prazer. Giddens (2001) questiona a definição de ser homem ou mulher na sociedade: “O que é ser-se um homem? O que é ser-se uma mulher? Pode pensar-se que ser-se um homem ou uma mulher é algo associado em última instância com o sexo do corpo em que nascemos” (GIDDENS, 2001. p. 108).

A teledramaturgia através da telenovela *Travessia*, traz a baila a ampliação da visibilidade da assexualidade presente no campo dos gêneros, das sexualidades e das

orientações sexuais. Assim mesmo, tudo isso no plural, posto que são múltiplas as identificações e possibilidades. A inda que *Travessia* não tenha conseguido representar o tema com maior amplitude, acionando apenas dois personagens masculinos e binários para abordar sobre assexualidade, o que já causou um reboiço nas redes sociais com comentários de posicionamento e torcida sobre os personagens assexuais na telenovela, nos portais de notícias de largo alcance, escrito e falado, por meio de matérias, entrevistas e comentários. Além de levar o assunto ao conhecimento do público que acompanha a telenovela, gerando uma possibilidade de engajamento ampliado de identificação, visibilidade e respeito em torno da assexualidade.

Referências

AVEN-The Asexual Visibility and Education Network uma rede virtual americana. Disponível em: <https://www.asexuality.org/> Acesso em: 23 de abril de 2023.

BEZERRA, Paulo Victor. **Avessos do excesso: a assexualidade.** [Tese de doutorado] Assis/SP: UNESP, 2015. 143 fls.

CALDEIA, Bárbara. **Em o sítio recortcanal aborda sobre a história da assexualidade.** Disponível em: <https://recortcanal.com/historia-da-assexualidade/> Acesso em: 24 de abril de 2023.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Graal, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Tradução: Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Carina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. 4ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira.** Porto Alegre: Sulina, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Memória e identidade na telenovela brasileira.** 2014, Anais. Belém: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659666.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

LOPES, Maria I. V de. **Recepção dos meios, classes, poder e estrutura.** Revista de Comunicação & Sociedade, n. 23, São Bernardo do Campo/SP: Metodista, 1995.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose.** Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEIVA, Giórgia de Aquino. **Já experimentou para saber se gosta? Assexualidades na sociedade sexualizada.** [Tese de doutorado]. Goiânia/GO: UFG, 2019. 226 fls.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **“Minha vida de ameba”:** os scripts sexo-normativos e a construção social das sexualidades na internet e na escola. [Tese de doutorado]. São Paulo: USP, 2014. 225 fls.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **SAINDO DO ARMÁRIO: A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA AVEN-ASEXUAL VISIBILITY AND EDUCATION NETWORK.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos (Anais Eletrônicos), Florianópolis: set. de 2013.

WHITE, Robert A. **Recepção: a abordagem dos estudos culturais.** Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (12): 57 a 76, maio/ago. 1998.